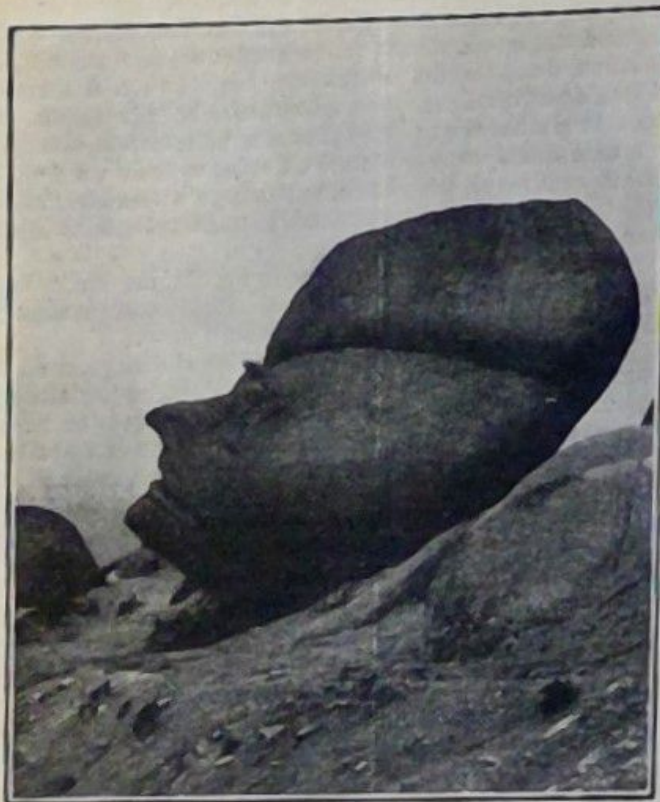




NA SERRA DA ESTRELA — Cabeça da Velha

A Natureza é uma poderosa ARTISTA!

A sua fantasia excede, por vezes, a imaginativa do Homem!

Misterios do amor...

Gustavo de Toledo, autor desta curiosa novela real, é o pseudónimo dum novo, retinidamente alfacinha, portador dum formoso talento, ocultando o nome de um advogado da moderna geração a quem está reservado um belo futuro. Dotado de imaginação exuberante, meridional, o seu espírito culto e penetrante serve-se dela, de molde a dar-nos uma análise subtil, uma observação exacta e minuciosa, ornada de belas imagens. Gustavo de Toledo tem para o próximo número, na secção de Sociologia, Direito, Finanças, um brilhante artigo sobre crimes por premeditação, que será ilustrado com o retrato de Carlota Corday

Sou longa, e dir-se-ia que afluivamente, o último sinal da partida.

No deck, entre dois homens gordos, eu estava apunhado e risonho — com um sorriso de festivo contentamento que ainda hoje não entendo. Certo não tinha então consciência da emoção, nem do valor daquele minuto. No momento da partida — e por muitas horas fiquei assim — o meu eu mais íntimo, a essência de mim mesmo, abandonára-me. E ficara só um outro eu exterior, inteiramente dono da minha personalidade.

Nem a inteligência, nem o coração vibravam o mais mínimo; — árvore despida, no outono, em tarde perturbadoramente calma...

Vazio, todo o som e toda a cor ou desenho de fora entravam e repercutiam nas paredes da

alma deserta como ecos perdidos nas quebradas da serra. Não associava imagens, não assimilava ideias; dispersos elementos encontravam-se ao acaso o desuniam-se... Era um atordoamento anímico — como uma embriaguês de champagne na sala ruidosa dum dancing... O uivo estridente da serela de bordo não o ouvia como um som contínuo e demorado; mas como uma sucessão inexplicável de vibrações desgarradas; — como se me tocassem num violino notas soltas uma a uma...

Só ela me aparecia una e perfeita como imagem; — porém só imagem pura — que eu puramente via, com a frieza dum estrangeiro...

Dulce juntara as mãos pequenas e finas num brando gesto de prece. Tinha-as assim chegadas ao coração, sobre o delicado selo de virgem, palpitante. De manso chorava, lágrimas finas, subtis, quasi espirituais, que eram um momento névoa límpida nos olhos negros e profundos e logo desciam liquefeitas pela face... O sorriso triste e luminoso parecia-me também uma lágrima...

Vendo-a assim chorosa, numa dor intensa e serena, serena e feminina, gozava um estranho deleite; e era maior o meu contentamento naquela hora tão alegre da partida...

Tão alegre a sentia... Inconsciente, adormecida a alma, eu era só sentidos; e os sentidos absorviam e reflectiam toda a alacridade do sol exuberante a rebrilhar nas águas verdes e quietas — e todo o prazer estético que se desprendia daquela maravilhosa escultura humana... Ah, humana — pobre, dolorosamente humana; mas só a escultura eu via...

Mais alta e mais forte, mais mulher e menos feminina, Marta, a irmã, chorava mais alto e mais forte...

Lentamente o barco largou, desceu o rio — e no cal, longínquo mais e mais, ela era — um lenço branco...

II

Foi numa noite harmoniosa, toda suavemente platinada, enquanto conversava devagar com a elegante e bulhosa Carlota de Novais, junto á amurada, olhando a esteira luarina que ficava nas águas sem limite, que recordel serenamente o meu drama.

Os dias de perturbação e desespero tinham passado — e a dor, humanizada, era só uma fina melancolia, um íntimo choro saudosos...

Operava-se em mim um nítido desdobramento de personalidade. A conversa seguia, cadenciada e subtil, — como convinha —, e contudo eu pensava, inteiramente á parte, outros pensamentos bem diversos... Revivia o passado próximo e já tão distante... E aquilo que passara repassava, com claridade luminosa e precisa, num raciocínio correcto e bem lançado. E o cavaco seguia...

Eram duas razões sobrepostas, laborando perfeita e autonomamente. E o passado revivia...

Tinha dōze anos gentis e a graça duma figurinha bizantina.

Era linda e, apesar de linda, encantadora...

Tinha dōze anos gentis e eu dezanove amargurados...

Esperava-se todos os dias na prisão, e porque ela ia á prisão não tinha grades.

Um dia não foi — e eu sofri.

Porém voltou.

Sentava-a no meu colo e beijava-a como irmão.

Era aquele certamente um grande affecto. Puro affecto sem malícia. (Ela tinha dōze anos gentis...)

Punha os meus nos olhos dela — e deixava que os seus olhos absorvessem os meus...

E, cego, era feliz.

Eu estava preso por político, tinham-me tecido uma aura de heroismo — e sua senhora mãe punha todas as complacências em amizade tão simpática...

Porém um dia — uma chuva leve e enervante humedecia a ambiência — a mãe, grave e senhoral, levou-me para junto da janela:

— «Perdoe-me, meu amigo. (A sua voz era pausada e quasi severa). Perdoe-me, meu bom amigo, as palavras que vou dizer-lhe. Hesitei muito, antes de falar-lhe. Mas sou mãe e o meu dever impõe-se-me. Confio na sua intelligência e na sua generosidade.

Sabe com que simpatia tenho visto a sua amizade pela Dulce. Porém, Alberto, o mundo é tristemente mau. E até na mais inocente afeição se atreveram gentes maldosas a pôr peçonha. Alguém veio, em ar de aviso amigo, insinuar-me de si coisas... que nem são para dizer-se. A prova da conta em que o tenho está nesta explicação leal.

Não por você; não por ela; mas pelo crédito de todos nós, que a calúnia espreita, — peço-lhe que... enfim... modere um pouco as demonstrações do seu affecto pela Dulce; não assente tanto no seu colo... não quero que deixe de ser amigo dela... mas...

Hesitava, trémula, confusa e magoada, a boa senhora.

Eu ouvira-a deferente e surprezo. E, ao perceber, subiu-me um rubor de indignação. Desvairrei; e, colérico, ia gritar contra a infame autora da injúria.

Mas nesse momento precisamente — num segundo rapidíssimo, não mais — desceu sobre mim a chama da Verdade. Sentí, vi, claramente, que a amava, áquella deliciosa Dulce de dōze anos gentis... E nem me pareceu monstruosidade, nem quedei surprezo. Uma vez possuidor da certeza — foi como se sempre a tivera, tão natural me apparecia. Amava-a apaixonadamente. E, esquecido de tudo o mais, todo eu vibrava numa íntima, harmoniosa e cantante alegria. Ia-me na alma uma primavera. E nesse segundo fugaz vivi toda uma vida em profundidade e ventura. Ventura algo dolorosa, como toda a ventura de amor; — com um levíssimo travo de indizível mágoa, que servia só de avivar a alegria.

Porém do mais profundo do meu ser nascia e elevava-se uma lassidão, um aniquillamento que pouco a pouco me conquistava. Era vagamente um desejo de sofrimento; era uma embriagadora — mente torturante aspiração de renúncia; era também um medo impreciso, uma onda de contumélia; — tudo isto fundido numa só sensação vardia; — tudo isto fundido numa só sensação inexprimível, que da sub-consciência se me esprajava em vagas narcotizantes pela razão... Caíra um seixo no lago adormecido do mais íntimo de mim; e vagos instintos, elementos incoerentes que a intelligência e a vontade tinham excluído, purgado, cuidadosamente expulsado — ao longo dos anos —, e que eu julgava desterrados para bem longe e para sempre, ei-los que reviviam e amalgamados, fundidos, subiam à superfície para vencer-me. Um receio, inferior e pueril, domine-me. Pareceu-me, tremendo, que se advinhara, ou se advinhava ou ia advinhar-se o segredo, tão

secreto que eu mesmo o não conhecera até então. E daquelle mar nevoento de sentimentos indefinidos saltou uma chispa instintiva de defesa.

E com voz convicta e serena (que estranha serenidade!), expliquei, num ar de nobre franqueza:

— «Triste é que alguém, por certo inqualificável, se atrevesse a pôr a torpe attenção em affecto tão puro. A pouca idade de Dulce bastaria, creio para afugentár uma suspeita dessas. Porém acresce que quem eu amo é sua filha Marta — essa, sim, já senhora —, cuja mão terei em breve a honra de pedir.»

As palavras que caíam dos meus lábios, lentas e graves, soavam-me a mim como estranhas e longínquas; eram sons doutro mundo que me surpreendiam e afligiam. Porisso mesmo talvez (havia em mim um combate confuso em que os adversários se moviam sem obedecer-me) multipliquei as palavras, os protestos, as justificações, e puz um calor cada vez maior na expressão dêsse amor por Marta — que eu nunca sequer vira bem... Quem eu queria afinal convencer era a mim.

Não o consegui, não. Mas afinal, extenuado, deixei-me vencer, e calei.

Já tenho depois pensado que determinara tão inexplicável menfira o desejo de sossegar aquella pobre mãe, o querer, por ela, destruir a calúnia, o nobre desígnio de expiar um erro — ou o cálculo maligno de sem perigo continuar aqueles amores... Porém todos estes são vãos raciocínios. O certo é que então não pensei tal — porque nem mesmo pensei. Fui vítima de mim proprio por não ter sabido nesse instante impôr a vontade intelligente ás solicitações deprimentes dos instintos recalçados.

Fôra pedida para mim a mão de Marta, dois dias depois...

E ao terceiro embarquei desterrado para a Índia...

— «Carlota: é você demasiado encantadora para eu estar tanto tempo junto a si. Até amanhã, sim?»

Estava fatigadíssimo; porém, em toda a noite não dormi.

III

Passaram dez anos e esqueci.

O Tempo é velho curandeiro e tem mizinhas para todo o mal...

Ambos seguimos caminhos novos, que para sempre nos afastaram...

Voltei um dia e chorei.

«Saudades de amor quebrado

Fazem lágrimas cair»...

E saltou uma chispa... E alguma vez pensei: mea culpa...

Porém o Tempo passa...

GUSTAVO DE TOLEDO

PROVEM OS DELICIOSOS VINHOS DO PORTO, PRODUZIDOS NAS PROPRIEDADES DO SR. MANUEL RIBEIRO SAMPAIO E EXPORTADOS DE VILA NOVA DE GAIA — RUA DO CHOUPELO, 46. OS DEUSES DO OLIMPO PEDIRIAM UMA AMOSTRA DESSES VINHOS.